

CULTURA VISUAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM RELATOS DE PROFESSORAS DE ARTES VISUAIS

VISUAL CULTURE AND PEDAGOGIC PRACTICES IN REPORTS OF VISUAL ARTS TEACHERS

CULTURA VISUAL Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN INFORMES DE PROFESORES DE ARTES VISUALES

*Maristani Polidori Zamperetti**

*Alessandra Gurgel Pontes***

*Veronica de Lima****

RESUMO: O presente artigo resulta de uma investigação da qual participaram professoras de Artes Visuais da rede pública, de uma cidade do Rio Grande do Sul, Brasil. A pesquisa qualitativa ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, nas quais se observou a relevância da cultura visual nas práticas de ensino e experiências pessoais das professoras envolvidas. Verificou-se que as visualidades cotidianas fazem parte das práticas pedagógicas, exercendo grande influência sobre a capacidade de opinião e escolha das docentes. Porém, observou-se a necessidade de revisão de posturas docentes estabelecidas e estruturadas, buscando combiná-las com outras contribuições procedentes dos estudos culturais pós-modernos e feministas. Assim, ressaltamos a necessidade de uma formação docente continuada priorizando a compreensão sensível e crítica das visualidades, colaborando para o entendimento do potencial do Ensino de Artes Visuais para a educação transformadora pretendida.

Palavras-chave: Artes Visuais. Cultura Visual. Docência. Formação Docente.

ABSTRACT: This article is the result of an investigation in which Visual Arts teachers from the public school system, from a city in Rio Grande do Sul, Brazil, participated. Qualitative research took place through semi-structured interviews, in which the relevance of visual culture in teaching practices and personal experiences of the teachers involved was observed. It was verified that the daily visualities are part of the pedagogical practices, exerting great influence on the capacity of opinion and choice of the professors. However, there was a need to review established and structured teaching postures, seeking to combine them with other contributions from postmodern and feminist cultural studies. Thus, we emphasize the need for continued teacher training prioritizing the sensitive and critical understanding of visualities, collaborating to understand the potential of Visual Arts Teaching for the intended transformative education.

Keywords: Visual Arts. Visual Culture. Teaching. Teacher Formation.

RESUMEN: Este artículo es el resultado de una investigación en la que participaron profesores de Artes Visuales del sistema escolar público de una ciudad de Rio Grande do Sul, Brasil. La investigación cualitativa se llevó a cabo a través de entrevistas semiestructuradas, en las que se observó la relevancia de la cultura visual en las prácticas docentes y las experiencias personales de los docentes involucrados. Se constató que las visualidades cotidianas forman parte de las prácticas pedagógicas, ejerciendo gran influencia en la capacidad de opinión y elección de los profesores. Sin embargo, existía la necesidad de revisar las posturas docentes establecidas y estructuradas, buscando combinarlas con otros aportes de los estudios culturales posmodernos y feministas. Así, enfatizamos la necesidad de una formación continua de los docentes priorizando la comprensión sensible y crítica de las visualidades, colaborando para comprender el potencial de la Enseñanza de las Artes Visuales para la pretendida educación transformadora.

Palabras clave: Artes Visuales. Cultura Visual. Enseñanza. Formación de Profesores.

* Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora e mestra em Educação pela mesma instituição. Líder do Grupo de Pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (CNPq).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9600-1988>
E-mail: maristaniz@hotmail.com

** Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8436-495X>
E-mail: sanagurp@gmail.com

*** Licenciada em Artes Visuais – Licenciatura pelo Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora de Arte na rede estadual (SC).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2590-6530>
E-mail: veronicadelimamf@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO AO TEMA DE PESQUISA

O presente artigo foi elaborado a partir dos resultados proporcionadas pelo projeto de pesquisa “Cultura Visual no Ensino de Artes Visuais – sentidos, práticas e experiências docentes”, cujo objetivo foi compreender como os professores de Artes Visuais, atuantes na rede de ensino de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, compreendem a cultura visual contemporânea em suas práticas de ensino, experiências e vivências pessoais. A relevância do tema se constitui pela necessidade de discussão e compreensão acerca das visualidades na sociedade contemporânea, compreendendo sua abrangência no cotidiano educativo formal e não formal. Desta forma, entendemos que seja necessário analisar de que maneira as imagens veiculadas às redes sociais, sites, propagandas, programas televisivos, revistas, jornais e em diversas plataformas, desempenham um papel significativo nas vivências de professoras¹ e nas práticas educativas em Artes Visuais.

Compreendemos a necessidade de pensar criticamente sobre as imagens, identificando mensagens e/ou discursos promovidos por estas mídias, buscando entender as implicações no cotidiano escolar, incidindo nas práticas pedagógicas das professoras. Neste sentido, entendemos que seja necessária uma análise reflexiva sobre a maneira que tais imagens estão sendo trabalhadas nas práticas educativas, avaliando se ocorre uma escolha consciente e posterior, visão crítica das docentes e estudantes. Assim, a pesquisa averigua a maneira como as docentes de Artes Visuais conduzem suas práticas e quais relações estabelecem com a cultura visual, buscando compreender suas percepções sobre a imagens que utilizam e também a relação que fazem com suas formações nos cursos de graduação.

Pretendemos discutir as questões relativas à formação de professoras/es e suas práticas pedagógicas em relação à cultura visual, para tanto, buscamos em teóricos como Hernández (2007) e Martins (2005), bases que nos permitam refletir sobre estes campos de conhecimento. Além destes, os estudos de Borre (2010) e Dias (2016), nos permitem discutir a cultura visual no ensino, educação e formação de professoras de Artes Visuais e a inserção das práticas educativas nestes campos. Os teóricos citados, também são fundamentais para as análises das entrevistas realizadas com as profissionais deste campo, para que possamos compreender suas perspectivas sobre a cultura visual e o impacto em suas formações.

Deste modo, o texto apresenta um recorte de nossa pesquisa, na qual são analisadas as respostas concedidas por quatro docentes participantes da pesquisa, por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas em 2019. As professoras foram solicitadas a participar deste estudo por meio de “convites” realizados pelos integrantes do Grupo de Pesquisa, e concederam as entrevistas assinando um termo de consentimento. O roteiro de entrevista foi composto por sete perguntas preestabelecidas e uma última em aberto, para ser preenchida a critério do entrevistador, conforme a necessidade de melhor compreensão dos pontos importantes para o estudo. Após serem realizadas as entrevistas (gravadas em áudio por smartphone) foram transcritas e transformadas em documentos de texto para análise de conteúdo.

A pesquisa qualitativa foi utilizada para embasar as discussões acerca das imagens utilizadas em práticas educativas escolares por professoras da rede básica de ensino, anos finais do ensino fundamental. Portanto, nossas ferramentas metodológicas se constituem no aprofundamento dos referenciais teóricos e de análises sobre os dados que foram produzidos de forma prática, e que são inerentes ao escopo deste estudo.

Neste artigo iremos apresentar a análise de cinco respostas fornecidas às duas das perguntas feitas a partir das entrevistas, para que possamos compreender como as docentes entendem e relacionam o grande número de imagens disponíveis na atualidade com suas práticas docentes em Artes Visuais. Também pretendemos compreender que percepções e sentidos elas estabelecem entre as imagens que consomem/utilizam cotidianamente em seu trabalho. O artigo está organizado a partir do entendimento da cultura visual e suas interferências nas Artes Visuais para melhor entendimento do assunto e a seguir, apresentamos os resultados de nossas análises de parte das entrevistas realizadas. Por último expomos nossas considerações a respeito das reflexões fundamentadas em bases teóricas.

¹ A partir deste momento nomeamos “professoras” em função de que as participantes desta pesquisa são todas do sexo feminino.

2. CULTURA VISUAL – COTIDIANO E VISUALIDADES EM SALA DE AULA

Os estudos acadêmicos relacionados à área da cultura visual aparecem nos finais dos anos 1980, denominados como: Estudos Visuais, Cultura Visual ou Estudos da Cultura Visual. São estudos com precedentes nos Estudos Culturais localizados no Reino Unido, mas que foram disseminados entre países latinos e também nos Estados Unidos. A educação da cultura visual, que interessa para o nosso estudo, relaciona e busca entender a produção visual como uma prática social, cultural e política e, que, portanto, está em permanente transformação.

A cultura visual é um campo de investigação que possui relações com diversas áreas, além das Artes Visuais, Antropologia, História, Sociologia, Comunicação, Psicologia entre outras especialidades, buscam integrar seus saberes específicos, com o objetivo de ampliar as discussões do campo. Desta forma, os investigadores da área, buscam suprir algumas carências epistemológicas e evidenciar os vínculos produzidos pelas áreas, que se unem em torno dos problemas comuns aos fenômenos visuais.

Na área das Artes Visuais, a cultura visual está além das visualidades artísticas conhecidas tradicionalmente como pintura, escultura, desenho e gravura, abrangendo também as imagens produzidas pelas mídias e provenientes das manifestações visuais da vida cotidiana. Neste sentido, a cultura visual aborda “[...] espaços e maneiras como a cultura se torna visível e o visível se torna cultura” (MARTINS, 2005, p. 135). Hernández (2007, p. 22) salienta em seu livro *Catadores da Cultura Visual* que a expressão cultura visual se refere a uma diversidade de práticas e “[...] interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar”. Assim, quando o autor fala de cultura orientada à reflexão, considera que “[...] as práticas relacionadas às maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, [são] maneiras subjetivas e intersubjetivas de ver o mundo e si mesmo” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22).

As visualidades no campo de estudos da cultura visual são construções operantes nos modos como cada pessoa ou um grupo interpreta determinados artefatos, partindo de suas formações, de seus repertórios pessoais e suas subjetividades, sempre considerando as demais relações – sociais, políticas e culturais –, ou seja, atentando à ampla dimensão cultural do olhar, que é histórica e contextual. Assim, cada um vai ver, compreender e compreender as imagens de determinada maneira, e assim, não existem formas “certas ou erradas”, e sim, diferentes possibilidades de vivenciar múltiplas realidades e experiências visuais. Portanto, as múltiplas visualidades fazem parte do que Fernando Hernández (2007) chama de cultura visual, estando inclusos também o mundo dos jogos, filmes, vídeos, instalações, manifestações performáticas e propagandas publicitárias.

Assim, o foco de estudo da cultura visual é a visualidade em suas diversas manifestações. Conforme explica Knauss (2006, p. 107), é necessário “[...] abandonar a centralidade da categoria de visão e admitir a especificidade cultural da visualidade para caracterizar transformações históricas da visualidade e contextualizar a visão”. Portanto, se considerarmos que a nossa experiência visual não é uma janela transparente para o real em função das diversas práticas e possibilidades culturais, esta não pode ser entendida como algo pertencente ao campo do natural e universal, ou seja, não existe uma única forma de compreensão para todas as pessoas, a qual possa independe do contexto histórico, social e cultural do momento. Neste sentido, pensar o contexto histórico e local torna-se indispensável na busca da compreensão dos universos culturais, que nos permitirão aprofundar o entendimento das experiências visuais.

Do mesmo modo, os estudos referentes a cultura visual nos ajudam a compreender o cenário atual impactado pelo avanço da tecnologia, em que vivemos rodeados de imagens, como também as interferências na formação docente e na educação escolar. Tais questionamentos fazem parte da investigação do projeto de pesquisa, e deste texto em especial, que busca possibilidades de análises, através das entrevistas e percepções visuais de docentes sobre a educação mediada pela cultura visual. Nosso interesse está situado na possibilidade de identificar de que modo as visualidades afetam as práticas docentes e os estudantes em seus cotidianos escolares.

Conforme sinalizam os autores Dias (2011) e Borre (2010), a sobrecarga imagética nos afeta cotidianamente, produzindo subjetivações em todas/os nós, afetando nossas formações e práticas docentes, simultaneamente. Portanto, é importante que saibamos de que modo as/os professoras/es de Artes Visuais percebem as interferências de tais imagens, como as administram em seus cotidianos escolares, e, de que forma, trabalham com as mesmas em suas práticas educativas.

Compreendemos que as imagens são absorvidas pelas pessoas diariamente e em grande velocidade, alterando as visões do mundo e da cultura. Dias (2016, p. 139), aponta que “é o mundo das imagens que expressa e define a nossa forma de pensar e viver”, assim, entendemos que essas imagens modificam a forma como enxergamos e interpretamos as visualidades, ainda que outras manifestações também sejam importantes, como o som e o movimento presentes nos vídeos e filmes. Entretanto, não podemos negar que as imagens possuem uma abrangência maior e estão carregadas de informações, presentes na contemporaneidade, através da internet, das mídias sociais, de revistas, jornais, da televisão, jogos e propagandas.

Desta forma, os autores que se dedicam ao estudo da educação da cultura visual entendem a importância de interpretar e avaliar os conteúdos presentes nas imagens, pois, elas expõem certas realidades e/ou situações específicas, geralmente apreendidas pelo senso comum. Além disso, os estudiosos buscam compreender como a nossa relação com as imagens modificam as percepções que construímos sobre o mundo, sobre os outros e nós mesmos, motivando formas de ser e agir cotidianamente. Assim, é indispensável refletir com Mirzoeff, para quem as imagens estão intrinsecamente conectadas à política e às relações de poder, pois para o autor, a cultura visual é “uma tática com a qual estudar a genealogia, a definição e função do cotidiano pós-moderno do ponto de vista dos consumidores, ao invés dos produtores” (MIRZOEFF, 1999, p. 3), e este fato transcende a ideia básica do estudo de uma disciplina isolada.

Portanto, é fundamental que estes estudos estejam presentes nas salas de aula, em diálogo, principalmente com o Ensino de Artes Visuais. Acreditamos que seja urgente que professoras de Artes Visuais estejam cientes da influência que as imagens utilizadas em sala de aula causam nas escolhas e nos posicionamentos tanto de si como de seus estudantes. Entendemos que seja preciso uma reflexão crítica, pois tais imagens podem estar carregadas de mensagens que contribuem para a construção dos modos de ver o mundo, portanto ouvir e dialogar com estas professoras pode nos conduzir a uma maior compreensão da cultura visual e da educação atrelada a esta.

Sabemos ser extremamente necessário que ocorra uma análise crítica sobre as mensagens e as imagens que fazem parte do cotidiano escolar, no entanto, segundo Dias (2011), nem sempre a reflexão crítica interessa as/os professoras/es da área de Artes Visuais, que se preocupam apenas em desenvolver práticas de ensino centradas em atividades artísticas. É neste sentido que precisamos investigar como esses profissionais incorporam e interpretam as visualidades em suas práticas escolares, compreendendo que suas falas e opiniões, apresentadas através das entrevistas, contribuem para as investigações sobre formação docente, Ensino de Artes Visuais e cultura visual.

Entendemos que as narrativas das docentes são necessárias para compreendermos de que modo os artefatos visuais estão presentes nas práticas escolares, e se isto ocorre de modo crítico e reflexivo entre seus estudantes. Concordamos com Freire (1979, p. 19), que “pela ausência de uma análise do meio cultural, corre-se o perigo de realizar uma educação pré-fabricada, portanto, inoperante”, carente da multiplicidade de interpretações. Assim, não basta somente que este ensino proporcione práticas criativas com as imagens utilizadas e reapropriadas, mas que proporcione, também, uma formação crítica, sensível e social a respeito do campo visual.

É importante relatar que nas últimas décadas do século XX, estudiosos do Ensino das Arte Visuais e dos Estudos Culturais, em especial, começaram a propor mudanças no paradigma do Ensino de Artes Visuais, contemplando uma comunhão entre o fazer artístico, a leitura visual e a interpretação imagética das visualidades utilizadas em sala de aula, para se compreender as problemáticas inerentes ao campo visual. Hernández (2007) sugere que foram formuladas teorias no Brasil, nos Estados Unidos e na Espanha sobre as possibilidades de uma relação entre a educação da cultura visual e o Ensino de Artes Visuais, para que houvesse uma ampliação na interpretação dos discursos e dos códigos que possam estar incutidos em imagens propagadas diariamente, sejam elas de cunho político, histórico ou artístico.

3. A CULTURA VISUAL NAS FALAS DE PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Como foi apontado no início deste estudo, o foco é analisar, por meio de entrevistas realizadas com professoras de Artes Visuais, como e, de que forma a disciplina de Artes Visuais atua para o entendimento e interpretação da cultura visual. Desta forma, tínhamos como objetivo averiguar como as visualidades artísticas e as imagens produzidas pelas mídias digitais em especial, presentes na vida cotidiana e no ambiente escolar, influenciam e fabricam as identidades tanto de estudantes como de professoras/es. Acreditamos que por meio dos relatos de experiências e vivências expostas, possamos compreender as percepções e relações que elas estabelecem com as imagens que são utilizadas no cotidiano de suas práticas educativas. Assim, trataremos a seguir da exposição de algumas das respostas que foram transcritas para este artigo, como, também de nossas análises interpretativas que fundamentam essa investigação.

Amparadas pelas respostas das entrevistadas, as quais iremos denominar de professoras “A”, “B”, “C” e “D”, embasamos nosso estudo, o qual se deu a partir de duas questões. A primeira questão é: *O que você pensa sobre as imagens do cotidiano, que estão disponíveis na mídia, nas propagandas e em outras formas de exposição?*

A professora “A” relata que as imagens são recursos que ela pode utilizar, justificando que geralmente professores de Artes Visuais, “ficam muito presos só em imagem de obra de arte, e não... a arte não é só isso”. Assim, ela define sua visão sobre as imagens e a experiência com seus alunos:

Quando eu trabalho arte, eu falo em imagem e signo, quando eles questionam a importância da arte, e a maioria acha que é uma coisa de pouca importância. E eu digo, vocês estão rodeados de imagens. O homem permeou toda a história dele através da imagem, e continua; a internet está aí, e reforça isso, é um outro tipo de linguagem, mas que ainda está preso a imagem (“A”, 40 anos, professora de Artes Visuais, 2019).

Ao analisarmos as respostas da professora “A”, observamos que ela demonstra uma preocupação sobre a forma como seus colegas utilizam imagens artísticas consagradas em suas práticas educativas e interpretamos que ela analisa a ‘imagem’ como um agente importante para formação humana integral, justificando sua relevância para as compreensões simbólicas, modos de olhar, fazer e ser no mundo. Suas respostas conduzem nosso entendimento a respeito da cultura visual como algo que pertence ao processo das transformações que aconteceriam não apenas por obras de arte, mas a partir de diferentes tipos de visualidades, sendo consideradas imagens e artefatos de diferentes culturas e momentos históricos. Assim, podemos perceber que a cultura visual, é de certo modo, interpretada como parte da estrutura e da história humana, estando presente nas práticas pedagógicas do campo de Artes Visuais, estabelecendo sentido para compreensão do mundo contemporâneo, incluindo as manifestações da cibercultura.

É possível pensar que a professora “A” apresenta uma posição em face à cultura visual do tipo analítica. De acordo com Hernández (2007, p. 66): “professores que seguem essa perspectiva valorizam a importância da cultura visual na vida dos estudantes e levam exemplos à sala de aula como uma maneira de examinar “textos” da cultura visual”. Porém, ainda que a docente propicie uma variedade de imagens para seus alunos, quando afirma que não leva “somente imagens de obras de arte”, ela aponta que os alunos já deveriam compreender a importância da arte, ou pelo menos, a relevância segundo sua própria concepção, e percebe que estes, portanto, não valorizam a sua disciplina. Talvez, a professora esperasse que seus alunos fossem os “espectadores ideais”, alguém que já teria uma visão crítica e compreensiva desenvolvida sobre a arte, de forma a entrar em concordância com a linha de ensino empreendida pela professora.

No caso da professora “B”, interpretamos que sua visão parece ser de teor mais pessimista sobre a quantidade de imagens que estão a nossa disposição na atualidade, pois para ela a profusão de imagens ocasiona uma espécie de poluição visual, o que analisa desta forma: “[...] nós somos bombardeados muito por imagens o tempo todo, então acaba sendo meio saturado”. Podemos averiguar que na compreensão da professora “B”, a grande quantidade de imagens, que nos cercam diariamente, causa uma sobrecarga, produzindo uma saturação no olhar que seria inadequada para o

Ensino de Artes Visuais (“B”, 56 anos, professora de Artes Visuais). É evidente que a sobrecarga de imagens presentes nos mais diversos artefatos contemporâneos produzem uma espécie de superficialidade do olhar, promovendo por vezes, até dispersão e desinteresse. Assim, ainda que compreendamos a preocupação da professora “B”, percebemos a urgência de entender que ao mesmo tempo que produzem uma certa anestesia² do olhar, as visualidades são elementos culturais, que podem propagar mensagens e significados, afetando principalmente crianças e adolescentes, e, que, portanto, se faz necessária a discussão das mesmas em sala de aula. É preciso estar claro que tais visualidades necessitam estar presentes nas atividades educativas, justamente para entender que papel exercem sobre os sujeitos sociais envolvidos.

Para Buckingham (2010, p. 44) “[...] as crianças estão hoje imersas numa cultura de consumo que as situa como ativas e autônomas; mas na escola uma grande quantidade de seu aprendizado é passiva e dirigida pelo professor”. Pelas palavras do autor entendemos que muitas vezes as escolhas pedagógicas são feitas pelos professores desconsiderando o meio cultural dos estudantes, no entanto, acentuamos, novamente, a importância de se trabalhar com imagens da cultura visual no ensino de Artes Visuais para que haja uma ampliação do debate acerca das visualidades que fazem parte do cotidiano estudantil. Nossos apontamentos, estabelecidos com base em teóricos Educação da Cultura Visual, não pretendem apenas substituir as produções artísticas por imagens cotidianas, mas sim, promover relações entre ambas e levantar questionamentos, buscando um entendimento das reverberações sociais, políticas e culturais que essas visualidades produzem. Neste processo, reconhecemos que as docentes têm um importante papel na mediação das diversas leituras e interpretações que possam surgir em sala de aula.

Segundo Hernández (2007), alguns docentes entendem que a cultura visual exerce uma influência negativa sobre os jovens, ressaltando os aspectos mais negativos das mídias: violência, sexualidade exacerbada, consumismo, materialismo, dentre outros aspectos, os quais recairiam totalmente sobre as crianças e os jovens, considerados como seres indefesos, sem capacidade de autonomia de pensamento ou de resistência diante de tais visualidades. A possibilidade de anestesiamento do olhar gerado pela proliferação massiva de imagens poderia ser vista como um dos processos que sobrecaem sobre os educandos. O autor aponta, por meio deste entendimento, que alguns professores teriam uma perspectiva proselitista em relação à cultura visual. Assim, segundo o autor:

Trabalhar com os objetos da cultura visual, especialmente os relacionados à cultura popular, a partir de uma perspectiva tão temerosa, limita as possibilidades de aprender tanto do professorado como dos estudantes e reduz uma realidade potencialmente rica a uma posição maniqueísta (HERNÁNDEZ, 2007, p. 66).

Em uma quarta entrevista, na qual fizemos a mesma pergunta apresentada às duas docentes anteriores, a professora “D” comentou sobre a variedade de possibilidades visuais que o mundo nos apresenta e argumentou que temos muitos recursos midiáticos e que podem estar (e já estão) presentes em sala de aula, no entanto, ela aponta uma preocupação sobre uso dessas imagens: “[...] mal aproveitado, muito apelativo... mas tu sabendo garimpar tu consegues pegar coisas boas que sirvam tanto para as crianças, quanto para você. Eu acho que é tudo tendencioso. Tem que dar uma garimpada” (“D”, 55 anos, professora de Artes Visuais, 2019).

Assim como a professora “B”, a professora “D”, também tem uma visão pessimista sobre as imagens disponíveis nas mídias da atualidade, mas indica que há algumas possibilidades em determinadas visualidades. Nesse sentido podemos compreender, que a professora “D” sugere ter uma visão proselitista em relação à cultura visual, ou seja, ela entende que essas visualidades poderão atrair seus alunos para a adesão de ideias errôneas, apelativas ou inapropriadas para o consumo juvenil, tornando-os seres facilmente manipuláveis e/ou seguidores de alguma ideologia. Constatamos que sua preocupação seja cabível, no entanto, percebemos que condiz com uma pedagogia proibitiva e verticalizada, impedindo diálogos francos e discussões sobre o uso e sobre as influências das imagens na vida cotidiana.

² Refere-se à negação do sensível, a incapacidade de sentir, que gera a deseducação dos sentidos. A palavra anestesia vem do grego *anaesthesia* e significa insensibilidade, apatia e desinteresse. É o contrário de *estesia* (ZAMPERETTI, 2017).

Ainda assim, devemos concordar que a professora “D” sugere ter uma preocupação quanto ao material selecionado para levar às suas aulas, como também possui uma visão crítica sobre a quantidade de imagens dispostas na mídia com conteúdo apelativo e tendencioso. Assim, a professora “D” realiza uma escolha, a partir de seu juízo pessoal, de determinadas imagens, entendendo que algumas podem contribuir para um processo educativo e outras não. Pelo seu relato, interpretamos que ela parece não abrir muito espaço para a participação de seus alunos, o que nos leva a questionar se ela aceitaria ou não, imagens trazidas pelos seus alunos, além daquelas que já estão incorporadas às próprias escolhas pessoais.

Entendemos que muitas escolhas e os direcionamentos profissionais das professoras sejam resultados de suas formações iniciais e continuadas. Assim, analisamos que seja importante assegurar que os professores de Artes Visuais tenham uma formação ampliada, no sentido de incorporar diversas formas visuais aos seus repertórios em constituição.

Os cursos de formação em Artes Visuais também precisam estar atentos e cientes de que no ambiente escolar outras formas de visualidades não [propriamente] artísticas, tais como revistas, vídeos, fotografias, dentre outros artefatos da cultura visual, são utilizadas nas atividades pedagógicas, podendo afetar a percepção que estudantes possam ter sobre demandas sociais e culturais de diferentes grupos. Portanto, seria coerente que essas visualidades também fossem estudadas e analisadas durante a formação acadêmica, através dos estudos da cultura visual. O aprofundamento de estudos e análises da cultura visual, possibilita que professoras e professores estejam preparados para interpretar o cotidiano e a presença de hegemonias e discursos dominantes incutidos nas imagens (PONTES, 2020).

Na atualidade as imagens tornaram-se parte essencial de nosso cotidiano, pois elas podem ser entendidas como objetos, materiais e produtos com os quais mantemos permanente interação. Tais imagens vão se incutindo em nossos repertórios pessoais, modificando nossas formas de ver e perceber o mundo e podem ser entendidas como produtoras de estereótipos, sendo reproduzidas continuamente num processo acrítico. É importante lembrar que nas escolas existem pedagogias do olhar que são reiteradas ad infinitum e que necessitam também serem questionadas e reavaliadas pelos atores escolares, para que a educação possa se constituir em um processo libertador. Conforme apontam Freire e Shor (2011), é na relação entre os sujeitos cognoscentes e mediatizados pelos artefatos culturais que o educador reconstrói o seu ato de conhecer, transformando sua prática em um fazer problematizador.

Assim, é interessante saber o que pensam as professoras sobre as imagens e os artefatos culturais que consomem e com aqueles que mantêm adesão em seu cotidiano, permitindo-as estabelecer mediações entre suas práticas e o conhecimento construído. Deste modo, a segunda questão colocada por meio da entrevista foi a seguinte: *Que ideias, sentidos e/ou percepções você estabelece com as imagens que consome/utiliza no cotidiano e no seu ensino?*

A primeira resposta que apresentamos é da professora “C” que inicia seu relato afirmando utilizar exemplos do cotidiano em suas aulas, reiterando aos seus alunos que “a arte está presente no dia a dia”. Assim, ela comenta sobre seu trabalho com as imagens: “Sempre procuro levar para eles irem vendo. Se tem como eu encaixar ou dar o meu depoimento, ou colocá-los nestas situações, eu faço, mas a maioria é totalmente desinformada e eles estão tendo os primeiros contatos” (“C”, 50 anos, Professora de Artes Visuais).

De acordo com o depoimento da professora “C” entendemos que em suas práticas de ensino ela apresenta conteúdos que estão disponíveis em seu cotidiano, pois acredita que a arte está presente no dia a dia e nas experiências diárias. Pelo que podemos perceber, os sentidos que ela estabelece com as imagens que consome são provenientes de suas experiências artísticas e pessoais, na qual incorpora valor artístico a diversas imagens. No entanto, percebemos, também, que ela considera seus estudantes como desinformados, “que não conhecem a arte”, por isso tenta envolvê-los através de exemplos próprios e de situações que possam interessá-los. Assim, ela sinaliza que suas práticas com imagens buscam influenciar as escolhas de seus estudantes, pois ela considera que existam imagens importantes a serem trabalhadas, porém desconsidera que eles vivem em um mundo dominado pelas tecnologias, no qual estão relacionados e envoltos em novas narrativas culturais, seja por meio de memes, analogias ou simbolismos diversos.

Compreendemos, que, embora a professora tenha intenções educativas ao tentar envolver seus estudantes com os conteúdos que ela escolhe e propõe durante as aulas, acaba por esquecer que seus estudantes são sujeitos de um tempo e espaço, envoltos em uma imensa diversidade imagética e, que, portanto não seriam propriamente “desinformados”, mas talvez “informados” sobre outros conteúdos que não seriam propriamente de domínio da professora ou mesmo, que possam coincidir com suas prioridades em termos de arte. Assim, devemos lembrar que desde muito jovens, os alunos estão envolvidos com tais visualidades, atribuindo, eles próprios, valores artísticos ou não àquilo que faz parte de seus cotidianos.

Ainda que tracemos algumas críticas, nossa intenção é debater sobre o uso da cultura visual nas aulas de Artes Visuais e contribuir para novos estudos sobre a atuação profissional de professores deste campo. Por isso, analisamos, também, que talvez a professora esteja colocando a ênfase do seu ensino no quesito “satisfação”, ou seja, ela não quer somente ressaltar as visualidades que já fazem parte da vida dos estudantes, ela pretende trazer uma diversidade visual à sala de aula. Assim, compreendemos a intenção da professora, no entanto, este tipo de posicionamento se apresenta como uma produção de “verdade única”, que seria a sua – ou seja – suas escolhas são melhores do que as dos seus alunos, pois eles não possuem a sua capacidade seletiva e “são desinformados”.

O que podemos perceber é que imagens artísticas ou o que é instituído como arte ainda está distante da realidade de muitos alunos, sendo que as imagens das mídias, da publicidade, programas televisivos, da internet e outros, atuam ativamente em seus cotidianos, moldando suas práticas culturais e identitárias, atuando na construção de imaginários. Desta forma, consideramos que professoras deste campo necessitam conduzir suas práticas a partir desses artefatos disponíveis no cotidiano, aproximando a realidade vividas por artistas produtores de artes visuais. De outra forma é essencial a abertura do olhar do docente para as experiências trazidas pelos alunos, tanto na busca de uma ampliação do repertório imagético do próprio professor como também, para a valorização do que faz sentido aos alunos. A perspectiva autorreflexiva sustentada por Hernández (2007, p. 68) apontaria no sentido de revisar posturas docentes já estabelecidas e estruturadas e combiná-las com outras “[...] contribuições procedentes da análise cultural pós-moderna e dos estudos feministas e culturais”.

Conforme o autor, é desta forma que ocorre um resgate da cultura vivenciada pelos jovens, a qual deve ser trazida para a sala de aula, no sentido de propiciar experiências de subjetivação, motivando a formas mais amplas de compreensão e intervenção na sociedade. Entendemos, assim como o pesquisador Dias (2011), que professores de Artes Visuais precisam estar atentos ao cotidiano particular de seus estudantes e de seus envolvimento com a cultura visual disponíveis em redes sociais, em sites, propagandas ou anúncios que já os introduziram ao mundo das visualidades, transformando-os a todo o momento e de diversas maneiras. Isso não significa propor que o Ensino de Artes Visuais seja substituído pela educação da cultura visual, mas que haja possibilidades de diálogos entre os dois campos, na construção de percepções e interpretações visuais seja da Arte (consagrada e hegemônica) ou das visualidades disponíveis no cotidiano.

Ao responder a mesma pergunta apontada anteriormente: Que ideias, sentidos e/ou percepções você estabelece com as imagens que consome/utiliza no cotidiano e no seu ensino; a professora “D” relata que considera as imagens da cultura visual como parte das concepções artísticas que devem estar em sala de aula. No entanto, ela expressa uma certa frustração, a partir de suas vivências em aula, na qual os alunos mais experientes já contestaram a utilidade da Arte para suas vidas. Neste sentido, ela explica que quando isso ocorre, tenta reverter o posicionamento destes alunos exemplificando que ao utilizarmos um tênis, por exemplo, devemos nos ater a criação deste objeto, compreendendo que ele foi criado por um artista ou designer. Assim ela explica que: “Juntar algo do cotidiano [para exemplificar] ou então, trazer imagens de arte mesmo, para ter um conhecimento da arte pra tua vida” (“D”, 55 anos, professora de Artes Visuais). Por outro lado, expressa na frase uma certa distinção entre o que “seria arte ou não” em exposição através das imagens. Talvez aqui se insira uma preferência individual entre os segmentos “arte” e “não-arte”, porém o que está em jogo são as questões das visualidades, ou seja, as imagens que dependem muito mais das interpretações dos sujeitos que entram em contato com elas do que propriamente o seu status preexistente.

É perceptível o desânimo da professora “D”, pois entendemos que ela sinaliza falta de interesse de seus estudantes no aprendizado de conteúdos relacionados à arte, vistos por estes como sendo algo inútil para suas vidas. Compreendemos que a preocupação da docente expõe a problemática do trabalho com imagens cotidianas e revela certa ambivalência para o entendimento da professora no trato com as visualidades, vistas como algo que colaboraria para o desinteresse dos estudantes pela arte “verdadeira”, em sua acepção única. No entanto, pela sua resposta, também podemos averiguar quais perspectivas alguns estudantes traçam com relação ao aprendizado da arte e como eles valorizam prioritariamente as imagens associadas com suas experiências diárias. Ainda assim, podemos interpretar que a falta de interesse desses estudantes pela arte possa ser pela distância cultural com suas realidades ou pela maneira como a disciplina é conduzida pela professora em questão, durante suas práticas de ensino. Seja como for, não há como ter uma constatação precisa do que afeta esta relação, mas é suficiente apontar que exista alguma incoerência ou divergência entre professora e seus estudantes no que diz respeito ao Ensino de Artes Visuais.

Entendemos que para a professora “D” é preciso juntar elementos do cotidiano para que os estudantes tenham conhecimento artístico e apreciem a Arte como componente fundamental em suas vidas. Como defende Dias (2016), o estudo do cotidiano é essencial nas aulas de arte, capacitando estudantes na compreensão e transformação das relações sociais, através da experiência estética, como também, na análise de questões sociais que os tornem cidadãos informados e críticos. Não podemos esquecer que vivemos numa sociedade na qual as práticas de produção, circulação e recepção de significado são eminentemente condicionadas às experiências visuais. Mirzoeff (1999) orienta para a compreensão deste contexto específico visto que as experiências predominantemente visuais da contemporaneidade nos propõem um tipo de sociabilidade eminentemente centrada no sentido da visão e da qual é dependente.

Destacamos que através das entrevistas com as quatro profissionais, podemos compreender algumas relações entre a arte e a cultura visual ampla em suas práticas de ensino, e, embora nem sempre possamos concordar com suas opiniões e direcionamentos, compreendemos a importância de ampliar o debate para o propósito da inserção da cultura visual na escola, como também, compreender os desafios encontrados pelas professoras para efetivar as mudanças necessárias às práticas emergentes e contemporâneas. Podemos analisar que é necessário investir e pensar em meios de promover maior compreensão a respeito dessa relação, assim como empreender pesquisas que propiciem o entendimento do tema. Contudo, acreditamos que a participação de docentes e as suas falas concedidas sejam de total importância para a formulação de outras compreensões sobre o Ensino de Artes Visuais e sobre a educação em cultura visual no ambiente escolar.

4. CONCLUSÕES – O QUE PODEMOS COMPREENDER POR MEIO DA PESQUISA

Considerando que este estudo é um recorte de uma pesquisa, as conclusões aqui apontadas vão no sentido de relacionar nossas abordagens investigativas com as respostas concedidas pelas professoras que participaram deste momento específico. Assim, constatamos, a partir das reflexões realizadas para essa investigação, que no contexto contemporâneo e predominantemente visual, no qual as imagens por vezes atuam para educar, manipular, normatizar e conduzir a sociedade para determinadas compreensões e entendimentos atrelados a interesses diversos, é necessário que o Ensino das Artes Visuais proponha novas metodologias e formas de reflexão sobre os discursos presentes nessas visualidades. Entendemos que todas nós, na condição de pesquisadoras, professoras ou estudantes, devemos estar preparadas para discutir sobre as implicações causadas pelas visualidades em nossas formações identitárias, mas principalmente investir em outras aprendizagens para que professores/as estejam atentos/as a utilização de tais imagens em suas práticas pedagógicas.

Acreditamos que o diálogo entre professores/as e estudantes é um fator fundamental para propiciar um debate efetivo no espaço escolar, sendo o Ensino de Artes Visuais uma disciplina propulsora de um espaço questionador e aberto às novas ideias, buscando diversos olhares e interpretações. Por isso, acreditamos na importância de ouvir as opiniões e os relatos de experiência de professoras da área, para que possamos entender de que forma essas relações são estabelecidas.

Observamos, através desta pesquisa, que o estudo da cultura visual nas escolas ainda é um tanto incipiente, pois é possível perceber um conhecimento superficial por parte das professoras entrevistadas. Notamos que em sua maioria, as entrevistadas percebem a cultura visual de forma pessimista, como uma cultura estranha à própria ideia de arte, não estabelecendo relações entre elas. Supomos que tal resultado possa ser advindo de suas formações iniciais e reiterado pela falta de formação continuada em seus campos de conhecimento. Suas respostas ressaltam a necessidade de discussões que abarquem a educação da cultura visual, desde suas formações, para que possam compreender os efeitos que ela tem sobre a sociedade contemporânea e na formação de professores.

De qualquer forma, as inquietações que nos levaram ao estudo apresentado, caminham na esteira das possibilidades que acreditamos existir entre os estudos sobre a cultura visual e o Ensino de Artes Visuais. Entendemos que o ensino de tal disciplina possa propor metodologias e a formulação de práticas pedagógicas mais reflexivas, que contribuam com a formação crítica e sensível, tanto de professoras/es quanto de educandas/os. Assim, consideramos, que para entender essa relação, é preciso, ouvir e interpretar as respostas de professoras deste campo, sobre suas formações, suas práticas e a maneira como compreendem as visualidades.

Se imagens podem ser utilizadas nas atividades de maneira a reforçar discursos dominantes, causando implicações negativas na formação social de estudantes, é também preciso ressaltar sua capacidade de propiciar reflexão e criticidade. Portanto, seria viável que professoras/es de Artes Visuais estivessem atentas/os e soubessem interpretar conteúdos visuais, assim como utilizá-los para debater questões pertinentes às problemáticas sociais contemporâneas, buscando observar nuances e características presentes no próprio cotidiano.

Ponderando sobre as questões colocadas neste estudo, acreditamos que para o Ensino de Artes Visuais assumir sua função epistemológica, é necessário que profissionais desse campo de estudo estejam conscientes de seus papéis como mediadores da arte e da cultura. No entanto, acreditamos que a falta de percepção de algumas profissionais, seja um reflexo de suas formações acadêmicas, que precisam promover uma reflexão crítica a respeito das imagens e da sociedade. Entendemos, pelas respostas das entrevistadas que elas possuem capacidade de análise crítica com relação ao campo visual, mas não compreendem o potencial que sua área possui para tratar das relações entre a cultura visual, histórica e contemporânea.

Ressaltamos a importância do visual na atualidade e em nosso cotidiano, compreendendo que as imagens têm muita influência sobre nossa capacidade de opinião e sobre nossas escolhas. Entendemos que um aprofundamento dos estudos relacionados as visualidades permitirão que tanto alunos quanto professores percebam o quanto as representações visuais influenciam em suas formas culturais e de socialização, e em decorrência, criar um posicionamento crítico sobre elas. Assim, é importante que professoras/es reflitam a respeito dessas imagens e falem sobre elas através dos diálogos com seus estudantes. Desta forma, a inserção de um alfabetismo e letramento visual crítico, tanto para alunos quanto para seus educadores é ponto fundamental para a educação transformadora.

Durante os estudos realizados a partir da pesquisa, foi possível perceber que as práticas pedagógicas com a cultura visual ainda não acontecem em algumas escolas, sendo assim, destacamos novamente a importância da inclusão e estudos relacionados a cultura visual desde a formação de professores do campo de Artes Visuais, para que os mesmos percebam as aulas de Artes Visuais como o lugar propício para que ocorram essas mediações e discussões. Da mesma forma, pautamos a necessidade de uma preparação em termos de formação, para que estes profissionais pensem criticamente e reflitam sobre os artefatos visuais/culturais disponíveis, havendo uma interlocução entre arte, sociedade, imagem e as culturas contemporâneas.

Sobre nossas considerações gerais a respeito deste estudo, acreditamos que as respostas advindas das entrevistas foram extremamente favoráveis para pensarmos nas necessidades que ainda circundam a disciplina de Artes Visuais. Contudo, as narrativas das profissionais desse campo, também nos ajudaram a pensar em outras metodologias não só para o ensino de Artes Visuais como para outras áreas do conhecimento.

Por fim, consideramos que a metodologia aplicada ao estudo possibilitou também uma interação imediata com os cotidianos escolares de professoras e com as percepções que elas têm sobre o campo visual. Constatamos que é importante investir em pesquisas educacionais, que tragam as falas e experiências de professoras/es com vistas à renovação das práticas pedagógicas e da atuação profissional no Ensino de Artes Visuais.

REFERÊNCIAS

BORRE, Luciana. **A cultura visual nas tramas escolares**: a produção da feminilidade nas salas de aula. In: R. Martins, & I. Tourinho. *Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: UFSM, 2010. p. 165-190.

BUCKINGHAM, David. **Crecer em la era de los medios electrónicos**. Espanha: Morata, 2010.

DIAS, Belidson. *O I/mundo da Educação em Cultural Visual*. Brasília: **Ed. da Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília**, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32087> Acesso em: 20 abr. 2022.

DIAS, Belidson. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: R. Martins, & I. Tourinho. **Culturas das imagens**: desafios para a arte educação. Santa Maria: UFSM, 2016. p. 133-152.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: Teoria e Prática da Libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. Paz e Terra, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, v. 8, n. 12, 2006. p. 97-115. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura> Acesso em: 10 abr. 2022.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando (Org.). **A formação do professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: UFSM, 2005. p. 133-145.

MIRZOEFF, Nicholas. **An introduction to visual culture**. Routledge, 1999.

PONTES, Alessandra Gurgel. **Patriarcado, cultura visual e formação docente**: reflexões e narrativas de professoras de Artes Visuais. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Educação, Faculdade de Educação - FaE, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **Formação docente e autorreflexão pela arte**: práticas pedagógicas coletivas de si na escola. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3803> Acesso em: 06 jun. 2022.

Artigo recebido em: 06 jun. 2022. | Artigo aprovado em: 25 nov. 2022.